

Rodrigues, Donizete (org.), *Em nome de Deus: a religião na sociedade contemporânea*. Porto: Edições Afrontamento, 2004.

Foi recentemente apresentado, no V Congresso Português de Sociologia, o livro sob a organização de Donizete Rodrigues, *Em nome de Deus: a religião na sociedade contemporânea*, editado pela Afrontamento. Esta obra constitui, pela qualidade dos textos e dos seus autores, um importante contributo para o estudo da religião, aspecto que é reforçado se tivermos em linha de conta que o fenómeno religioso não tem sido objecto de uma reflexão sociológica aprofundada na sociedade portuguesa. A ausência de estudos teórico-empíricos sobre a religião enquanto fenómeno macro-societal, a ausência de referência às principais temáticas e problematizações da sociologia da religião mais recente e a inexistência de traduções de manuais imprescindíveis põem a nu o desfasamento da sociologia da religião que se faz em Portugal em relação à vasta produção que se encontra quer noutros lugares da Europa, quer na América do Norte (EUA e Canadá) e na América Latina, em especial no Brasil. O facto de a sociologia da religião gozar, no quadro da produção científica portuguesa, de menor visibilidade no conjunto da disciplina assemelha-se à situação vivida ao longo de várias décadas do século XX nos círculos sociológicos europeus. Simplesmente, no exterior, a sociologia da religião adquiriu estatuto próprio – por via de

uma progressiva desconfeccionização e enquadramento institucional nas instâncias internacionais –, pelo menos, desde meados dos anos setenta.

Em nome de Deus representa, assim, uma nova aposta das ciências sociais, em Portugal, no campo religioso e o seu organizador e autor, Donizete Rodrigues, dá prova de mais um investimento nesta área de investigação, após outros trabalhos publicados, nomeadamente acerca de fenómenos e grupos religiosos relativamente recentes ou pouco estudados no país, como são os casos da IURD e da Igreja Evangélica Cigana.

A obra em causa tem o mérito de reunir contributos de especialistas em religião, portugueses e estrangeiros, numa perspectiva de interdisciplinaridade, não se confinando, nessa medida, a autores com formação em sociologia, mas também em antropologia, em comunicação social e em teologia.

No texto “A religião é a lógica da cultura”, do antropólogo Raúl Iturra, a religião é apresentada como matriz cultural da vida social. O autor ilustra o facto fazendo um percurso pelos clássicos, como Weber, Marx, Durkheim e Mauss, relembando assim que a religião foi um tema fundamental dos primeiros sociólogos. Efectivamente, as primeiras discussões acerca do

lugar da religião na sociedade moderna questionaram o papel que esse domínio passaria a ocupar socialmente no devir.

Começando por abordar a questão weberiana do desencantamento do mundo e a problemática da secularização, dominante na sociologia da religião, Donizete Rodrigues, em “O reencantamento do mundo: modernidade, secularização e novos movimentos religiosos”, procura traçar os contornos da reconfiguração do universo religioso, reflectindo, por um lado, sobre as manifestações do sagrado e, por outro, sobre a proliferação dos novos movimentos religiosos. Ambos os aspectos deverão ser entendidos como elementos fundamentais da religiosidade contemporânea e como fenómenos que contrariam as concepções lineares da secularização. A questão da dessacralização é, aliás, também abordada por Manuel da Silva e Costa (“Religião e sociedade: a eficácia da religião e a religião da eficácia”), que aponta a importância atribuída à eficácia e à competitividade pela sociedade capitalista contemporânea como factor de desumanização.

O tema da globalização e da modernidade avançada é também objecto de reflexão nesta obra. Peter Beyer e Victor Pereira da Rosa – respectivamente, sociólogo e antropólogo da Universidade de Ottawa – evidenciam, em “Globalização e religiosidade: leituras e conjunturas”, os principais parâmetros da discussão acerca das dicotomias local/global e particular/universal, no quadro da religião, sublinhando que subjacente ao debate está o vasto tema do pluralismo. Para estes autores, a modernidade, cada vez mais globalizada, tende a conceber a religião como um sistema diferenciado de comunicação – tema recorrente em Beyer, sob inspiração de Luhmann. Isso está patente nas diversidades religiosas contemporâneas, que coexistem ao nível da sociedade global. É ainda equacionada

neste texto a pertinência das perspectivas substantiva e funcionalista no estudo da religião.

Não muito distante desta problemática, Steve Fenton, sociólogo da Universidade de Bristol, em “Modernidade, etnicidade e religião”, procura articular duas questões: a crise da modernidade capitalista tardia com a problemática das identidades religiosas e étnicas. Concretamente, este autor identifica três crises na modernidade tardia: a questão das igualdades/desigualdades; o problema da comunidade e da coesão social; e a perda de referências morais. As consequências destas crises no plano da religião e da etnicidade estão associadas aos fundamentalismos contemporâneos. Este tema e a reflexão que o mesmo suscita revela-se de extrema pertinência num momento em que a Europa e todo o Ocidente se sentem ameaçados pela emergência de novos grupos religiosos, alguns dos quais envolvendo componentes étnicas e políticas. Nas representações de muitos europeus, o fenómeno do islamismo, por exemplo, adquire a configuração de um fantasma de um passado remoto que, no presente, sofre conotação imediata de fundamentalismo religioso, de violência ou, de forma mais radical, de terrorismo. Os integristas e fundamentalismos são temas igualmente abordados de forma particularizada em dois textos: “Fundamentalismo religioso e violência”, do teólogo Joaquim Carreira das Neves, e “Deus no meio da guerra: as religiões na encruzilhada dos conflitos contemporâneos”, do jornalista António Marujo. Carreira das Neves escreve sobre o fundamentalismo religioso que sustenta o conflito israelo-palestiano, tendo por base uma reflexão sobre as apropriações da Bíblia e do Corão, enquanto António Marujo apresenta diversas ilustrações no sentido de evidenciar o paradoxo de a religião ser simultaneamente um fundamento de guerra e de paz. O au-

tor enfatiza a necessidade de se trabalhar no sentido de inverter a lógica segregacionista dominante no discurso religioso e de se promover uma educação para a paz.

Num registo mais confessional, Mário Robalo, com o texto “Da utopia de um Cristianismo sem religião”, transporta-nos para as vivências da Igreja primitiva, bem como das suas características e dinâmicas, num exercício apologetico de um cristianismo enquanto movimento religioso por contraponto ao seu desenvolvimento histórico como religião instituída.

Donizete Rodrigues e Ana Paula Santos, ao apresentarem os resultados do seu estudo sobre “O movimento pentecostal cigano: o caso da Igreja Evangélica de Filadélfia de Portugal”, centrando-se, deste modo, num grupo religioso minoritário, ilustram como etnicidade e religião se entrecruzam e como o fenómeno global do neo-pentecostalismo se adequa a contextos sociais locais e concretos, como é o caso da Igreja Evangélica Filadélfia na sociedade portuguesa. Esta Igreja tem a singularidade de combinar elementos da cultura cigana com o culto religioso, facto que se manifesta através do tipo de música presente nas formas de expressão ritual e que acaba por reforçar a identidade e a coesão social do grupo.

“Um movimento milenarista japonês e a construção do paraíso na terra: o caso da Igreja Messiânica Mundial do Brasil” é o título do artigo de Peter Clarke (sociólogo do King’s College, Universidade de Londres). Aqui, é possível tomarmos contacto com outro fenómeno de profunda actualidade e disseminação que é o do *New Age*. O estudo de caso, acerca da Igreja Messiânica Mundial do Brasil, é significativo do sincretismo religioso, alimentado por filosofias de raiz orientalista e associado a novos estilos de vida ecológicos, fenó-

meno simultaneamente preconizador de novas escatologias. Estamos perante mais um exemplo que corrobora a tese de que o incremento da mobilidade social e espacial tem produzido uma significativa mistura de crenças e de práticas e modalidades religiosas diluídas na vida social que vêm questionar as cartografias religiosas tradicionais.

Finalmente, “A renovação carismática católica no Brasil: uma revisão da bibliografia”, de Cecília Loreto Mariz, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, ao debruçar-se sobre o movimento carismático católico, dá conta da reacção de certos sectores da Igreja Católica ao expansionismo do protestantismo neo-pentecostal na América Latina e, concretamente, no Brasil. Cecília Mariz reflecte, em particular, sobre a literatura produzida a propósito deste fenómeno, evidenciando diferentes tipos de abordagens. Enquanto alguns estudos colocam a tónica na “estratégia de *marketing*” da Igreja Católica para enfrentar a concorrência de novos grupos e reforçar a instituição, outros enfatizam as relações e clivagens dentro da hierarquia do movimento católico carismático brasileiro.

Num mundo progressivamente mais global, a diversidade religiosa tem vindo a anular as tradicionais correspondências entre Estado-Nação e cultura religiosa, e as novas manifestações de religiosidade, e as novos grupos que se constroem e reconvertem, sejam eles de natureza neoconservadora ou emancipatória, não deixam de constituir, como bem evidenciam os vários textos presentes neste livro, estratégias de afirmação da subjectividade frente àquilo que Habermas designa por “colonização do mundo da vida”.

Helena Vilaça